

# AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA<sup>1</sup>

Sintea Reuse<sup>2</sup>

Centro Universitário Franciscano

**Resumo:** Neste trabalho pretendemos mapear as inteligências múltiplas utilizadas por alunos na aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (ILE), bem como suas percepções acerca do uso dessas inteligências ao longo do processo. Para tanto, retomamos estudos de diferentes autores que abordam essa temática, a partir dos quais elaboramos um questionário e o aplicamos a aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira de uma Instituição de Ensino Superior de Santa Maria/RS, a fim de identificar as principais inteligências ativadas durante a aprendizagem da língua alvo. Os resultados obtidos revelaram que cada aprendiz utiliza estratégias diversificadas para a aprendizagem do idioma, desse modo, explorando suas inteligências múltiplas.

**Palavras-chave:** Inteligências Múltiplas. Ensino de ILE. Metodologias de aprendizagem.

**Abstract:** In this paper, we aim at mapping the multiple intelligences used by students in the process of learning English as a Foreign Language (EFL) as well as their understanding of the use of such intelligences. Therefore, we took into consideration different studies on that topic. Based on those studies, we wrote and applied a questionnaire to EFL learners from a Higher Education Institution of Santa Maria, RS, in order to identify which of the intelligences have been activated by them during the learning process. The results have shown that every student

---

1. Artigo resultante do Trabalho Final de Graduação desenvolvido pela acadêmica Sintea Reuse sob a orientação da professora Ms. Gabriela Q. Marzari no Curso de Letras: Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria/RS.

2. Acadêmica do 8.º semestre do Curso de Letras: Português e Inglês do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria/RS. Autora do artigo. [sintea@hotmail.com](mailto:sintea@hotmail.com)

uses different strategies to learn the target language, thus, exploring multiple intelligences throughout the process.

**Keywords:** Multiple Intelligences. EFL Teaching. Learning methodologies.

### Considerações iniciais

Muitas pessoas já se interessaram em realizar estudos sobre as inteligências e sobre o funcionamento do cérebro humano. No princípio não se pensava na existência de várias inteligências e muito menos que essas pudessem ter uma localização diferente no cérebro humano. Contudo, na década de 1980, Howard Gardner apresentou a Teoria das Inteligências Múltiplas, citando, em um primeiro momento, sete inteligências: linguística/verbal, lógico-matemática<sup>3</sup>, musical, espacial/visual, corporal/cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Em estudos posteriores, Gardner acrescentou a inteligência naturalística<sup>4</sup> e levantou a hipótese de que haveria uma nona inteligência, a existencial.

No momento atual, observa-se a necessidade, cada vez maior, de despertar as inteligências múltiplas dos aprendizes a favor da educação. Os meios de comunicação em massa, assim como o meio eletrônico, ou seja, a Internet, utilizam a imagem e a sonoridade para atrair jovens e crianças para uma tendência provocada por quem produz esses meios. Cabe a nós, (futuros) professores de Letras, explorarmos as capacidades de nossos aprendizes e a utilização desses recursos em prol da aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

Em vista disso, o objetivo principal deste estudo é analisar as percepções dos alunos acerca do papel das inteligências múltiplas na aprendizagem de

---

3. Os termos lógico-matemática e corporal/cinestésica referem-se respectivamente a lógica/matemática e corporal/cinestésica em algumas traduções.

4. O termo naturalística é também traduzido como naturalista de acordo com alguns autores.

Inglês como Língua Estrangeira (doravante ILE). Ao fazê-lo, pretendemos: 1) identificar quais inteligências são geralmente estimuladas, nos aprendizes, pelo professor de Língua Estrangeira (LE) ao ensinar a língua alvo; 2) estabelecer uma relação entre as inteligências ativadas pelos aprendizes de ILE e a metodologia de ensino adotada pelo professor; e, a partir disso, 3) buscar meios para identificar as inteligências adotadas ou ativadas pelos aprendizes.

Considerando que algumas gerações de professores tiveram uma aprendizagem linear e tradicional e que os estudantes da atualidade os desafiam para um ensino que abrange outros recursos além de lousa, giz e voz do professor, a presente pesquisa assume significativa relevância. Certamente, na atualidade, existe um universo muito amplo de recursos, em comparação a épocas passadas, que podem e devem ser usados adequadamente pelo professor, a fim de ativar as inteligências de seus aprendizes.

Cabe ao professor, portanto, saber explorar essas inteligências múltiplas, fazendo uso de recursos didático-pedagógicos que estão à sua disposição. Nesse sentido, o papel das inteligências múltiplas na aprendizagem, sobretudo de línguas estrangeiras, é fundamental para o engajamento dos aprendizes no atual contexto educacional. Pesquisas (GARDNER *et al*, 1998; PAIVA, 2007, por exemplo) em relação a essa temática têm sido desenvolvidas com o objetivo de justificar a necessidade de nós, (futuros) professores, trabalharmos as inteligências múltiplas de nossos aprendizes, independentemente do conteúdo a ser ensinado, uma vez que cada indivíduo faz uso de diferentes estratégias de aprendizagem (PAIVA, 2007).

## **I. Inteligências múltiplas: histórico e definição**

Nesta seção, apresentaremos uma definição de “inteligência”, a partir de estudos referentes ao tema, que servirão de base para compreendermos a Teoria das Inteligências Múltiplas, conforme proposta por Gardner, no final do século passado. Além disso, serão listadas as inteligências múltiplas,

conforme apontadas por Gardner (1994), bem como suas características, que, acreditamos, serão relevantes para a realização de uma efetiva prática docente que inclua a identificação das inteligências a serem estimuladas nos aprendizes durante o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Antunes (2008), a palavra “inteligência” tem sua origem na união das palavras latinas ‘*inter*’ (entre) e ‘*eligere*’ (escolher). Assim, entendemos por inteligência a capacidade de escolha entre as alternativas possíveis para resolver, da melhor forma possível, um problema. O autor aponta ainda para o fato de que o envelhecimento da inteligência ocorre pela falta de estímulos, e não pelo envelhecimento biológico (ANTUNES, 2008), o que evidencia a importância de estimularmos as inteligências múltiplas de nossos aprendizes ao longo de sua formação.

Em 1983, Gardner desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas para analisar e descrever melhor o conceito de inteligência. Segundo o autor, o ser humano seria portador de oito pontos diferentes de seu cérebro, onde estariam abrigadas oito inteligências diferentes (GARDNER, 1998 *apud* ANTUNES, 2008). Apesar de o cientista afirmar que o número oito é subjetivo, essas oito inteligências formam o que foi chamado de inteligências múltiplas. Segundo Gardner (1994), as inteligências múltiplas são<sup>5</sup>: 1) a linguística ou verbal, que consiste no uso objetivo da linguagem para convencer, agradar, estimular, comunicar, relatar, seja pela escrita, seja pela oralidade; 2) a lógico-matemática, que se destaca pela sensibilidade com símbolos, relações e padrões, bem como o raciocínio lógico/dedutivo e a solução de problemas; 3) a espacial, que se caracteriza pelo desenvolvimento da percepção de formas espaciais e de relações e padrões visuais, além de uma visualização tridimensional e sua composição, transformação, equilíbrio, orientação e tensão; 4) a musical, que busca a

---

5. Definições de acordo com a imagem disponível em <[http://www.mapasmentais.com.br/modelos/inteligencia/img/mm\\_edu\\_inteligencias\\_multiplas\\_img.gif](http://www.mapasmentais.com.br/modelos/inteligencia/img/mm_edu_inteligencias_multiplas_img.gif)> acesso em 12/03/2011.

percepção de tons, timbres, ritmos, temas, sua reprodução e produção de novas combinações; 5) a cinestésica corporal, que se caracteriza pelo autocontrole corporal e pela coordenação motora; 6) a naturalista, que consiste na sensibilidade ao meio ambiente; 7) a interpessoal, que consiste na capacidade de compreender as intenções, motivações, humores, temperamentos e desejos de outras pessoas; e 8) a intrapessoal, que abrange a capacidade de autoconhecimento e uso preciso de ideias, habilidades, necessidades, sonhos, desejos e o gerenciamento de emoções e sentimentos. De acordo com estudos posteriores, Emmons (2000 *apud* SILVA, 2001) aponta para a existência de uma nona inteligência, conhecida como espiritual/existencial, apesar de haver algumas discordâncias por parte de Gardner em relação a essa inteligência. Em síntese, a inteligência espiritual/existencial abrange a capacidade de refletir e ponderar sobre questões fundamentais da existência. É considerada característica de líderes espirituais e de pensadores filosóficos, tais como Jean-Paul Sartre e Dalai Lama.

Gardner (1994) argumenta, no entanto, que o teste de QI (Quociente de Inteligência) é muito restrito para examinar ou testar a inteligência humana, que não pode ficar presa a respostas curtas para perguntas curtas. Segundo Travassos (2001), Gardner procurou ampliar o conceito de inteligência, demonstrando que esta é a capacidade de solucionar problemas, elaborar conceitos e engenhar ou confeccionar artefatos em determinados contextos.

Ao fazê-lo, Gardner (1994) apresentou uma revisão histórica sobre os estudos referentes à inteligência humana, destacando a pesquisa desenvolvida pelo cientista e médico Franz Joseph Gall, que viveu no final do século XVIII e que especulou sobre relação da inteligência com tamanho do cérebro e a localização de diferentes funções em áreas diferentes. Posteriormente, deu-se a esse estudo o nome de *Frenologia*. Entretanto, com o avanço das pesquisas e estudos na área, descobriu-se que essa

teoria era relativa e que o tamanho do cérebro não possuía relação com a inteligência. Segundo Gardner (1994), a teoria de Gall não poderia ser descartada por completo, pois o mesmo já considerava, naquela época, que não existem poderes mentais gerais, tais como percepção, memória e atenção, mas que existem diferentes formas de percepção e de memória, conforme as faculdades intelectuais desenvolvidas pelo indivíduo, por exemplo, música, visão ou linguagem. Segundo Gardner (1994), muitas dúvidas foram esclarecidas na década de 1860, quando o cirurgião e antropólogo francês Pierre-Paul Broca demonstrou, de forma inédita, a relação entre uma lesão cerebral e uma debilitação cognitiva específica. Em seu estudo, Gardner (1994) registrou que os cientistas do século XIX não foram os primeiros a tentar separar as habilidades humanas, uma vez que se supõe que Platão, Aristóteles, os *Upanishads* hindus e os estudiosos da Idade Média também já tinham se interessado, naquela época, por esse tema.

A importância da pesquisa de Gardner (1994) reside no fato de que a localização separada das inteligências demonstra que as pessoas podem desenvolver uma ou outra inteligência de forma independente, desse modo, desempenhando determinadas tarefas de forma mais ou menos exitosa. Essa descoberta justifica, ao menos em parte, o fato de que alguns aprendizes de ILE levam mais tempo do que outros para aprender a língua alvo; ou ainda, o fato de que os mesmos aprendizes fazem uso de diferentes estratégias de aprendizagem do idioma e, geralmente, alcançam resultados diversificados quanto ao nível de conhecimento desenvolvido ou adquirido.

## 2. Metodologia

Para atender aos objetivos propostos na introdução a este estudo, primeiramente selecionamos diferentes autores que abordam a temática das Inteligências Múltiplas e suas influências no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras, considerando o papel das TICs na ativação dessas

inteligências. Com base nesse referencial, num segundo momento, aplicamos um questionário, composto por uma questão objetiva e uma dissertativa, a treze aprendizes de ILE, a fim de identificarmos as inteligências geralmente ativadas por eles durante a aprendizagem da língua alvo. Finalmente, com base na literatura existente sobre o assunto pesquisado, desenvolvemos a análise e a discussão dos dados obtidos.

Dos participantes, oito são do sexo feminino e cinco, do sexo masculino. Para uma referência mais precisa quanto aos dados obtidos por meio do questionário, os participantes foram denominados Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), e assim sucessivamente. Além disso, os participantes de 1 a 8 são acadêmicos do quarto semestre do curso de Letras: Português e Inglês (Inglês 4) e os de 9 a 13 são do sexto semestre do referido curso (Inglês 6). Além de tentarmos identificar, por meio da questão objetiva, quais são as inteligências mais utilizadas ou ativadas pelos estudantes, durante a aprendizagem da língua alvo, também buscamos entender se estes estão conscientes dessa utilização, ao propormos uma questão dissertativa, que pudesse, então, confirmar ou refutar os dados obtidos a partir das respostas anteriores.

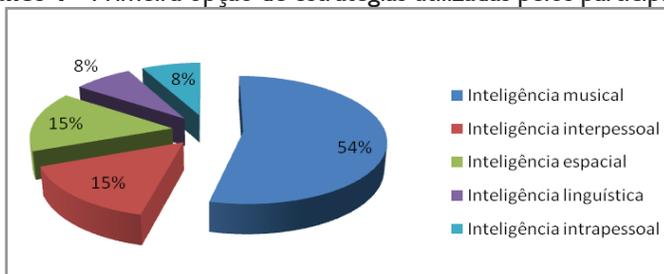
### **3. Análise e discussão dos dados**

Nesta seção, analisaremos e discutiremos os dados obtidos, utilizando, como critério de categorização, as duas modalidades de questões propostas aos participantes.

### 3.1 Análise das respostas à questão objetiva<sup>6</sup>

Dos 13 participantes da pesquisa, 7 assinalaram, como primeira opção, a alternativa que se refere ao uso de estratégias relacionadas à inteligência musical, conforme nos revela o gráfico abaixo:

**Gráfico I** - Primeira opção de estratégias utilizadas pelos participantes



Além disso, P4, que assinalou as estratégias relacionadas à inteligência musical como segunda opção, demonstrou que utiliza de forma intensa essa inteligência, pois escreveu, na segunda questão: “[e]u praticamente aprendi tudo o que sei de inglês assistindo à documentários, sobre a *trajetória* de músicos, sem legenda pois só obtinha esses vídeos na internet direto dos E.U.A.” Portanto, embora P4 não tenha selecionado essa inteligência como primeira opção, deixou evidente a sua relevância para a aprendizagem da língua alvo ao responder à questão dissertativa.

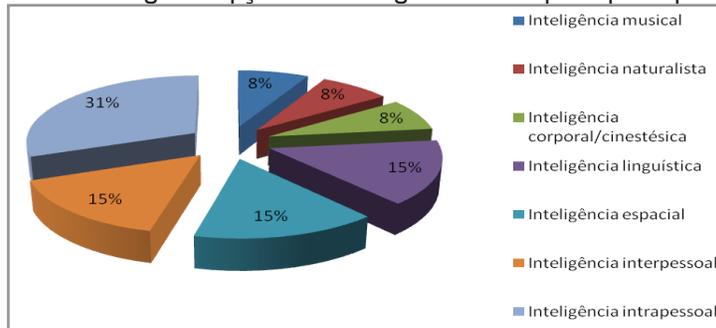
Por outro lado, P7 assinalou a inteligência musical em quinto lugar, mas argumentou, na questão dissertativa, que essa inteligência a auxilia no aprendizado da língua inglesa, pois, segundo ela, “através de músicas em inglês e buscando entender a letra você consegue adquirir grande

6. Nesta etapa da pesquisa, mantivemos proposadamente as respostas originais dos participantes ao questionário proposto, inclusive contendo equívocos de natureza linguística.

conhecimento.” P9 assinalou a inteligência musical em sétimo lugar, mas destacou, na questão dissertativa, que faz uso dessa inteligência, juntamente com a interpessoal, durante as aulas, o que nos revela certa contradição entre o seu discurso e a sua prática. Apesar de P11 ter assinalado a inteligência musical em oitavo lugar, ao responder a questão dissertativa, mencionou, por duas vezes, que faz uso dessa inteligência, o que nos revela certa contradição, a exemplo do que concluímos na análise das respostas de P9.

No gráfico abaixo, podemos observar quais são as estratégias elencadas pelos participantes como segunda opção, tendo em vista a aprendizagem da língua inglesa:

**Gráfico 2 - Segunda opção de estratégias utilizadas pelos participantes**

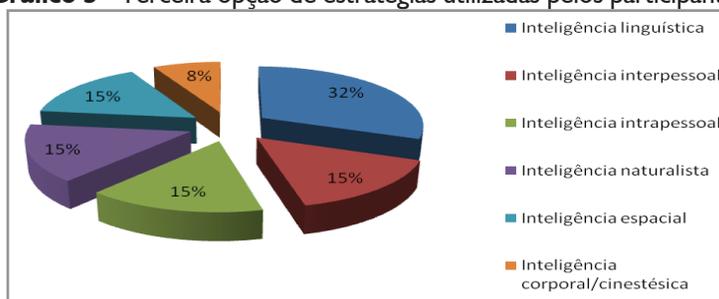


Enquanto que no primeiro gráfico predomina a inteligência musical, percebemos, no segundo, uma maior variedade de opções de estratégias utilizadas pelos participantes na aprendizagem da língua inglesa, com predomínio da inteligência intrapessoal. Nesse sentido, a análise revela que, mesmo em um pequeno universo de pesquisa, constata-se a existência de uma variedade de estratégias ou inteligências ativadas durante a aprendizagem de uma língua estrangeira. Essa constatação aponta, mais uma vez, para a singularidade de cada aprendiz, o que implica a necessidade de

utilização de diferentes recursos e metodologias por parte do professor, a fim de ativar a maior quantidade possível de inteligências nos aprendizes, oferecendo, assim, várias possibilidades e mecanismos para a aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso, a língua inglesa.

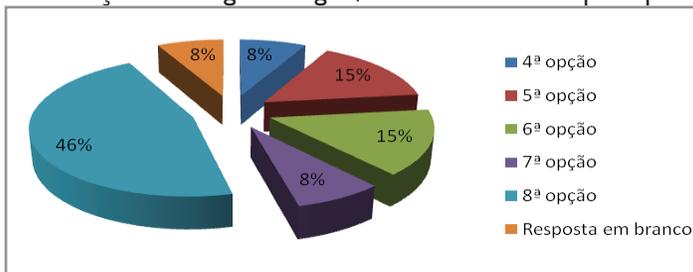
No gráfico a seguir, podemos identificar quais estratégias aparecem em terceiro lugar na concepção dos aprendizes:

**Gráfico 3 - Terceira opção de estratégias utilizadas pelos participantes**



Podemos perceber que, neste gráfico, destaca-se a inteligência linguística. É importante mencionar que as inteligências interpessoal e espacial foram assinaladas de forma semelhante nos três gráficos até aqui apresentados, abrangendo 15% das opções em cada um deles. Esses dados são importantes pelo fato de que o instrumento foi aplicado a estudantes do curso de Letras que, obviamente, deverão fazer uso dessas inteligências, uma vez que o curso se insere na área das ciências humanas.

Dentre as alternativas assinaladas pelos participantes nos três primeiros gráficos, podemos constatar que praticamente todas as inteligências abordadas na pesquisa foram contempladas. Porém, a inteligência lógico/matemática não estava entre as primeiras opções, o que nos levou a elaborar um gráfico para observar a reação dos participantes mediante o uso de estratégias relacionadas a essa inteligência.

**Gráfico 4** - Posição da inteligência lógico/matemática utilizada pelos participantes

É interessante perceber que a maioria dos participantes descarta a inteligência lógico/matemática, marginalizando, assim, o seu uso. Essa constatação pode ser feita a partir da análise dos dados, pois, além de essa inteligência não aparecer entre as três primeiras opções, seis dos participantes consideraram-na como sua última opção, o que significa que, talvez, não a utilizem ou não tenham consciência da sua utilização na aprendizagem da língua alvo.

Durante a análise da questão dissertativa, feita na próxima subseção, observaremos que alguns dos participantes consideraram o uso da inteligência lógica, separando-a da inteligência matemática. Essa separação pode resultar de um possível entendimento, por parte dos aprendizes, de que a linguística possui uma lógica interna como, por exemplo, o acréscimo de sufixos e afixos, ou as lógicas sintáticas. Assim, é possível que, embora percebam a utilização da lógica no estudo da língua inglesa (associação com palavras da língua portuguesa, esquematizações para um melhor entendimento, utilização de cruzadinhas, etc.), os aprendizes não associam essa lógica com a matemática, que pode lhes parecer muito mais difícil do que a lógica linguística, ou mesmo a lógica musical, considerando que a inteligência musical foi a inteligência que se sobressaiu em relação às demais nesta pesquisa.

### 3.2 Análise das respostas à questão dissertativa

As respostas à segunda questão do questionário podem ser consideradas como uma justificativa das alternativas escolhidas pelos participantes na primeira questão, um acréscimo de informação ou mesmo uma indicação de que os participantes não possuem total clareza quanto à utilização das inteligências múltiplas no processo de aprendizagem de ILE. A seguir, analisaremos algumas das respostas dos participantes, demonstrando como essas possibilidades foram expressas na pesquisa.

P1 foi coerente ao afirmar, na primeira questão, que as inteligências mais utilizadas por ele são a musical, a intrapessoal e a linguística, respectivamente, conforme nos revela sua resposta: “escuto e gravo músicas em inglês, pego traduções ou tento traduzir alguma coisa [...] Procuo ler e falo inglês comigo mesmo”. Dessa forma, o discurso de P1 revela que o aprendiz possui consciência quanto às inteligências e estratégias utilizadas para aprender a língua inglesa.

Por outro lado, o discurso de P2 deixa transparecer que ele não possui total clareza sobre quais inteligências utiliza, pois o aprendiz não apresenta uma resposta que contenha as informações referentes ao uso das inteligências múltiplas na aprendizagem da língua inglesa. P2 escreve, porém, sobre teorias e “tendências” que considera importantes “[p]ara um estudo completo de qualquer L2”. Dessa forma, podemos perceber que o seu discurso é mais marcado por crenças e teorias do que por experiências vivenciadas. Acreditamos, nesse sentido, que esse conhecimento teórico não o leva a compreender a utilização dessas inteligências em um contexto real de aprendizagem, ao observarmos expressões como “sigo as tendências que os teóricos sócio-interacionistas defendem” e “acredito que”. A resposta de P2 parece muito presa à teoria, de forma que ele não relata a própria experiência, mas apenas as suas crenças em relação ao processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Isso significa que, talvez, este

participante não utilize ou não tenha consciência de que utiliza a inteligência intrapessoal, pela própria dificuldade que teve em identificar e/ou esclarecer a utilização dessas inteligências em seu processo de aprendizagem, ou seja, dificuldade em partilhar algo que talvez considere muito pessoal.

Já P3 não respondeu à questão subjetiva, o que pode ser um indicador da falta de clareza da participante quanto à utilização das inteligências múltiplas na aprendizagem da língua inglesa, insegurança ao expressar a sua opinião sobre o assunto, ou ainda indiferença em relação à questão proposta.

Em contrapartida, P4 apresenta, em seu discurso, um importante aspecto no que se refere à aprendizagem da língua inglesa dizendo: “[...] eu tinha tanto interesse em saber sobre a vida desses artistas que acabei assimilando muita coisa do inglês por dedução, vendo o contexto que estava sendo falado nos documentários.” Dessa forma, ele parece ter consciência de quais inteligências mais ativa para aprender a língua inglesa, pois a sua resposta, na segunda questão, é coerente com as opções assinaladas na primeira questão.

Sendo assim, podemos perceber uma semelhança entre os discursos de P1 e de P4, pois ambos destacaram as inteligências musical e intrapessoal e, em suas respostas, observamos certa capacidade para compreender como utilizam essas inteligências para aprender a língua inglesa. A questão de falar consigo mesmo em inglês e o fato de tentar entender a língua a partir do contexto apresentado nos vídeos também demonstram estratégias descobertas pelos próprios aprendizes ao longo de suas trajetórias como estudantes de uma língua estrangeira. Isso é apenas um indício de que existem diferentes e variadas estratégias de aprendizagem, algumas sequer nomeadas ou definidas pela teoria, mas que fazem parte do universo dos aprendizes, às vezes de modo inconsciente.

P5 escreveu sobre a importância da inteligência musical para a aprendizagem da língua inglesa. Ela enfatizou o uso de tal inteligência ao afirmar: “o domínio da língua inglesa provém principalmente do contato

com letras de músicas que eu buscava e traduzia de forma autônoma.” P5 foi coerente ao responder o questionário, justificando, na questão dissertativa, as respostas selecionadas anteriormente. Essa coerência nas respostas revela que a aprendiz reconhece as estratégias que utiliza na aprendizagem da língua inglesa e tem consciência das inteligências que ativa ao longo do processo.

P6 também é relativamente coerente em seu discurso, ao demonstrar a importância que dá à utilização das inteligências musical e interpessoal, enfatizando a sua relevância para aprender e “treinar a *pronuncia*” na língua inglesa. Segundo P6:

[a]s inteligências que eu utilizo são a musical, por exemplo, ouvindo músicas em inglês tentando entender a letra e cantar lendo a letra para aprender a *pronuncia*. Utilizo também a linguística e a interpessoal, fazendo exercícios em sala de aula e conversando em inglês com os colegas para fixar o que aprendi e treinar a *pronuncia*.

As respostas de P7 demonstram que ela utiliza várias inteligências para aprender a língua inglesa, dentre as quais destaca a linguística, a intrapessoal, a musical, a espacial (utilização de filmes) e a interpessoal. Para Gardner (1998, p. 223), essas “*combinações de várias inteligências*” definem a forma como os indivíduos resolvem seus problemas que, neste caso, centram-se na aprendizagem da língua inglesa. Sendo assim, diante de um aluno com afinidades intelectuais variadas, um professor pode lançar mão de vários métodos e instrumentos de ensino, a fim de oferecer diferentes estímulos a esse aprendiz. Em uma sala de aula, em que o professor vislumbra a possibilidade de variar a sua metodologia de ensino, haverá uma oportunidade muito maior de aprendizagem da língua inglesa por parte dos aprendizes que ali estão. Todavia, uma aula variada ou diversificada do ponto de vista metodológico não significa permanecer apenas na utilização repetida de vídeos, ou de computadores (internet ou outros programas da

internet), ou de quadro e giz, ou de trabalhos individuais, ou de atividades em grupo, ou de utilização de quebra-cabeças, ou de passeios de estudo, mas na promoção de um equilíbrio entre essas possibilidades e tantas outras de que o professor tem conhecimento e pode fazer uso.

Em sua resposta dissertativa, P8 relata que utiliza principalmente as inteligências musical, linguística, interpessoal e intrapessoal. No entanto, o seu discurso demonstra que adota, de diferentes maneiras, a inteligência linguística “utilizando gramáticas e livros didáticos” e que, além disso, costuma “escrever textos sobre diversos assuntos na língua inglesa”. Logo, concluímos que a mesma inteligência pode ser diferentemente explorada, fazendo uso, por exemplo, das novas tecnologias, uma vez que o texto midiático é caracterizado pela multimodalidade (mescla de elementos sonoros, cinestésicos, etc. na composição de um mesmo texto).

Por outro lado, P9 parece ser incoerente ao assinalar, na questão objetiva, a inteligência musical em sétimo lugar e afirmar, na questão dissertativa, que utiliza as inteligências “musical e interpessoal, durante as aulas [de língua inglesa]”. Essa divergência sinaliza, de certo modo, que esse aprendiz utiliza estratégias diferentes dentro e fora da sala de aula, ou que não possui muita clareza em relação às estratégias que efetivamente utiliza para aprender a língua alvo.

P10 afirma que gosta de “assistir vídeos, ouvir músicas e falar em inglês para praticar”. Dessa forma, demonstra que essas são as principais formas de aprender a língua inglesa, embora utilize as demais inteligências, conforme assinalou na questão objetiva, na qual destacou, em segundo lugar, a inteligência corporal/cinestésica. A escolha dessa inteligência, como sua segunda opção, não é justificada pela participante da pesquisa. Portanto, o uso de tal inteligência é questionável, na medida em que não são apresentados argumentos coerentes pela participante, que comprovem a sua resposta.

O discurso de P11 demonstra que a participante faz uso de várias inteligências: “[m]usical, linguística, lógico, intra e interpessoal.” Além disso,

P11 complementou sua resposta ao afirmar que geralmente aprende inglês utilizando músicas e filmes. Segundo a aprendiz: “faço relações com coisas que já sei.” Essa participante demonstra que faz uso da inteligência lógica, sem associá-la, porém, com a inteligência matemática, que, na questão objetiva, considerou como sua quinta opção. Esse dado revela que P11 reconhece a estrutura lógica não apenas dentro da matemática, mas também dentro da música, da linguística, das relações interpessoais, e assim por diante.

P12, na questão subjetiva, citou apenas duas inteligências: a interpessoal e a musical. O participante justificou sua resposta, ao argumentar que ambas servem para aprimorar o conhecimento de vocabulário: a primeira, por ter contato com outras pessoas, e a segunda, por ser de fácil acesso e por poder “ser exercitado no trabalho e no lazer”. Na questão objetiva, esse participante numerou as alternativas apenas até o número cinco, demonstrando que, talvez, não faça uso das demais inteligências, ou ainda que não tenha consciência quanto à sua utilização.

P13 enfatiza que, “[e]m primeiro lugar”, faz uso do ritmo e da “musicalidade *linguística* em seriados e/ou filmes na TV”. Ela comenta que também faz “brincadeiras com a *lingua* estrangeira em ambiente doméstico, seja na culinária, seja “contando” (narrando) tarefas”. É possível afirmar que P13 aprende a língua alvo ao fazer uso de músicas e vídeos, mas também ao fazer uso da língua inglesa em outros contextos que não apenas o de sala de aula, o que nos faz pensar que ela aciona a inteligência espacial de forma bem diversificada.

Com base na análise realizada, considerando as respostas dos participantes às questões objetiva e dissertativa, podemos afirmar que os aprendizes possuem em comum a familiaridade com a utilização da música para o aprendizado da língua inglesa. Nesse caso, acreditamos que a música é realmente um incentivo ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, por ser de fácil acesso, conforme afirmou P12, e pelo

fato de ser um recurso lúdico, que contribui para a aprendizagem de modo inconsciente e prazeroso. O uso da música, para fins de aprendizagem, justifica-se, segundo as respostas dos participantes (P1, P4, P5, P6, P7, P8, P10, P11, P12 e P13), por ser um instrumento de aprendizagem espontânea, já que eles fazem uso desse recurso simplesmente pelo fato de terem curiosidade em saber o que há por trás da melodia de que tanto gostam.

Também foi possível perceber que muitos dos participantes (principalmente P1, P4, P7, P10, P13) assinalaram a importância da utilização de recursos disponibilizados pelas TICs. Esse argumento indica que, fazendo uso dessas tecnologias, o professor de língua inglesa pode atingir seu(s) objetivo(s) e até mesmo incentivar esses aprendizes a utilizarem tais recursos para pesquisar ou estudar por conta própria, de forma autônoma e complementar às aulas de língua inglesa. Além disso, podemos concluir que, muitas vezes (como no caso de P1, P4, P5...), a ativação dessas inteligências ocorre fora da sala de aula, no momento em que o aprendiz busca formas alternativas, que lhe agradam e que lhe incitam a estudar e a aprender a língua inglesa.

Com base na análise dos dados coletados nesta pesquisa, é possível perceber também que o uso das inteligências múltiplas ocorre de forma diferenciada em cada aprendiz, uma vez que observamos uma variedade de escolhas referentes às estratégias adotadas por parte dos participantes.

#### **4. Considerações finais**

Durante esta pesquisa, buscamos esclarecimento sobre o surgimento da teoria das inteligências múltiplas e suas implicações para o ensino de língua estrangeiras. Ao apresentar sua teoria, Gardner (1994) delineou algumas inteligências a serem desenvolvidas, mas também afirmou que estas não estão limitadas a um número fixo. Utilizando essa teoria como uma das bases para o envolvimento dos aprendizes na aula de língua inglesa,

procuramos também outros autores que sugerem atividades integradoras dessas inteligências em sala de aula, bem como a possibilidade de utilizar as TICs para desenvolver as inteligências inerentes a cada aprendiz.

Os resultados, obtidos por meio da aplicação do instrumento de coleta de dados, confirmam a teoria de Gardner, uma vez que, mesmo num grupo relativamente pequeno de sujeitos pesquisados (treze), houve uma diversidade considerável quanto à escolha das inteligências que, segundo os próprios participantes, ativam para aprender a língua inglesa.

Muitos dos participantes assinalaram que utilizam, para aprender a língua inglesa, recursos tecnológicos. Diante da influência das TICs na sociedade atual, os professores precisam estar atentos para a necessidade dos aprendizes, considerando que estes são “nativos digitais” e se adaptam ao novo contexto com muita facilidade. Com o surgimento dessa nova forma de aprender, o professor também precisa se posicionar e criar novas formas de ensinar.

Sendo assim, a formação continuada não representa apenas uma alternativa para a melhoria da qualidade de ensino, mas uma oportunidade para o professor de ILE alcançar mais efetivamente os seus aprendizes e conquistá-los a fim de atingir um objetivo único: fazê-los aprender a língua alvo. Ao assumir essa postura, é provável que o professor seja capaz de ativar, nos alunos, as inteligências que fazem com que eles se interessem pelo estudo da língua inglesa e a aprendam como parte de seu processo formativo.

## Referências

ANTUNES, C. *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. 2008. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=cYMF3L5b46sC&oi=fnd&pg=PR2&dq=intelig%C3%AAncias+m%C3%BAltiplas&ots=ifa6iOYbWk&sig=I29N4NTbtIgWRNNhiLqIDDbpZYM#v=onepage&q=-intelig%C3%AAncias%20m%C3%BAltiplas&f=false>>. Acesso em: 12/03/2011.

ARMSTRONG, T. *Multiple intelligences in the classroom*. Alexandria, Va.: ASCD. 1994.

CHRISTISON, M.A. *Teaching and learning languages through multiple intelligences*. TESOL Journal, pp 10-14. 1996.

GARDNER, H.; KORNHABER, M.; WAKE, W. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. *Inteligência: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre, Artes Médicas. 1998.

GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1994.

PAIVA, V. L. M. O. Desenvolvendo a habilidade de leitura. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, pp. 11-30. 2007.

SILVA, L. M. K. Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons. *Revista de Estudos da Religião* Nº 3 / pp. 47-64. 2001. Disponível em: <[www.pucsp.br/rever/rv3\\_2001/p\\_silva.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_silva.pdf)>. Acesso em: 03/06/2011.

TRAVASSOS, L. C. P. Inteligências múltiplas. *Revista de biologia e ciências da terra*. Volume 1. Número 2. 2001. Disponível em: <[http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/inteligencias\\_multiplas.pdf](http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/inteligencias_multiplas.pdf)>. Acesso em: 12/03/2011.

## Anexo

### Questionário

Caro acadêmico, precisamos de sua colaboração para o desenvolvimento deste estudo, que investiga o uso das múltiplas inteligências na aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira.

1. Quais, dentre as estratégias abaixo, você geralmente utiliza para aprender a língua alvo? Numere, em ordem crescente, as alternativas conforme a sua percepção (número 1 para a que você mais utiliza e número 8 para a que você menos utiliza).

( ) utilização de músicas como áudio, canto ou manuseio de instrumentos musicais, entonação e ritmo, karaokê, palmas, sapateados, sequências de jazz e ordenação de letras musicais ao ouvi-las;

- ( ) atividades com trabalhos manuais, viagens de estudo, dramatização, uso de mímica, culinária, jogos competitivos e mapas corporais (formação de mapas no chão utilizando o corpo humano);
- ( ) atividades de autoavaliação, projetos individualizados, atividades promotoras de autoestima, redação e manutenção de um diário pessoal, descrições pessoais e questionários destinados ao autoconhecimento;
- ( ) anotações, participação em palestras, leitura de livros, narrativas ou contação de histórias, debates, memorização, jogral, publicação e gravação em áudio;
- ( ) demonstrações científicas e experimentos, quebra-cabeças e jogos lógicos, histórias envolvendo problemas numéricos, apresentação lógica/seqüencial de uma temática, enigmas, questões de estatística, solução de problemas, categorização e classificação e criação de códigos;
- ( ) uso de tabelas e grades, vídeos, slides, filmes, arte, pinturas, imagens e figuras, organizadores gráficos (esquemas com quadros, setas ou outras formas que ajudam a organizar as ideias), mapas mentais ou semânticos, kits de construção em 3-D e metáforas de imagens ou pictóricas;
- ( ) trabalho em pares, monitoria, tutoria, jogos de mesa (xadrez, dama, trilha, baralho, etc.), jogos no quadro (forca, palavra cruzada, etc.), *brainstorming* no grande grupo, soluções de problemas em grupos, projeto de pesquisa e aprendizagem conduzida, mediada e cooperativa;
- ( ) identificação de diferentes animais pela utilização de figuras e nomes na língua alvo, leitura de textos sobre a natureza, leitura de histórias com animais, programas de televisão com foco em animais, tais como *National Geographic* ou *Discovery Channel*, exercícios de preencher quadros ou tabelas com informações sobre animais, reconhecimento e classificação de membros de animais.

2. Quais são as Inteligências Múltiplas que você geralmente utiliza (ou ativa) para aprender a língua inglesa? Justifique sua resposta, dando exemplos concretos.